



## Mente e matéria (1956)

**Bertrand Russell (1872-1970)**

Trechos finais de RUSSELL, B. (1956), “Mind and matter”, in *Portraits from memory and other essays*, Simon & Schuster, New York, pp. 145-65. Tradução para o português: “Espírito e matéria”, in *Retratos de memória e outros ensaios*, trad. Brenno Silveira, Cia. Ed. Nacional, São Paulo, 1958, pp. 129-47. Transcrevemos com modificações a partir da p. 140 da tradução, mas indicamos abaixo as páginas do original em inglês. A concepção apresentada aqui foi formulada na *Análise da matéria* de 1927.

Adaptação feita por Osvaldo Pessoa Jr. para o curso de TCFC III: Filosofia das Ciências Naturais, FFLCH, USP, 2016.

[157] Não aprendemos ainda a falar a respeito do cérebro humano na linguagem exata da física quântica. Com efeito, sabemos muito pouco a respeito dela para que tal linguagem seja necessária. A parte mais relevante, para o nosso problema, dos mistérios da física quântica, [158] consiste em mostrar-nos quão pouco sabemos acerca da matéria e, em particular, acerca dos cérebros humanos. Alguns fisiologistas ainda imaginam que possam olhar através de um microscópio e ver os tecidos do cérebro. Isto, por certo, é uma ilusão [*delusion*] otimista. Quando você pensa que está olhando para uma cadeira, você não vê as transições quânticas. Você tem uma experiência que tem uma conexão causal muito longa e complicada com a cadeira física, uma conexão que se processa através de fótons, bastonetes e cones, bem como do nervo óptico que conduz ao cérebro. Todos esses estágios são necessários para que você possa ter a experiência visual chamada “ver a cadeira”. Você pode barrar os fótons fechando os olhos, o nervo óptico pode ser cortado, ou a parte apropriada do cérebro pode ser destruída por uma bala. Se qualquer uma dessas coisas acontecer, você não “verá a cadeira”. Considerações semelhantes aplicam-se ao cérebro que o fisiologista pensa que está examinando. Há nele uma experiência que tem uma ligação causal remota com o cérebro que ele pensa que está vendo. Ele só pode conhecer, com relação ao referido cérebro, os elementos de estrutura que serão reproduzidos em sua sensação visual. Quanto ao que se refere a propriedades que não são estruturais, não pode saber coisa alguma. Ele não tem o direito de dizer que o conteúdo de um cérebro é diferente do conteúdo da mente que o acompanha [*that goes with it*]. Se se tratar de um cérebro vivo, ele tem a evidência, através de testemunho e de analogia, de que há uma mente que o acompanha. Se se tratar de um cérebro morto, não existe, de um modo ou de outro, tal evidência.

Desejo sugerir, como uma hipótese que é simples e unificadora, apesar de não demonstrável, uma teoria que prefiro à teoria da correspondência apresentada pelos cartesianos. Concordamos em que tanto a mente como a matéria consistem de uma série de eventos. Concordamos também que nada sabemos acerca dos eventos que fazem a matéria, salvo sua estrutura espaço-temporal. O que sugiro é que os eventos que formam um cérebro vivo são, na verdade, idênticos aos que formam a correspondente mente. Todas [159] as razões que naturalmente ocorrerão ao leitor para rejeitar esta opinião dependerão da confusão entre objetos materiais e os que experimentamos através da visão e do tato. Estes últimos fazem parte de sua mente. Posso ver, neste momento, se me permitir falar a linguagem do senso comum, os móveis de minha sala, as árvores oscilando ao vento, casas, nuvens, céu azul e sol. Tudo isso o senso comum imagina estar fora de mim. Creio que tudo isto esteja ligado causalmente a objetos físicos que se encontram fora de mim, mas, logo que me apercebo de que os objetos físicos devem diferir, de modo importante, daquilo que eu experimento diretamente, e logo

que levo em conta as seqüências causais que procedem do objeto físico e que vão até o meu cérebro antes de que as sensações ocorram, vejo que, do ponto de vista da causação física, os objetos dos sentidos imediatamente experimentados estão em meu cérebro e não no mundo exterior. Kant estava certo ao colocar juntos os céus estrelados e a lei moral, já que ambos eram invenções [*figments*] de seu cérebro.

Se o que estou dizendo for correto, a diferença entre mente e cérebro não consiste da matéria bruta [*raw material*] de que são compostos, mas da maneira de agrupamento. Tanto uma mente como um pedaço de matéria devem ser considerados, ambos, como um grupo de eventos, ou, antes, como uma série de grupos de eventos. Os eventos que estão agrupados para formar uma dada mente são, segundo a minha teoria, os mesmíssimos eventos que estão agrupados para formar seu cérebro. Ou talvez fosse mais correto dizer que são *alguns* dos eventos que formam o cérebro. O ponto importante é que a diferença entre a mente e o cérebro não é uma diferença de qualidade, mas uma diferença de distribuição. É como a diferença entre colocar as pessoas em ordem geográfica ou em ordem alfabética, coisas que são feitas, ambas, na lista dos Correios. As mesmas pessoas são agrupadas em ambos os casos, mas em contextos bastante diferentes. Da mesma maneira, o contexto de uma sensação visual, para a física, é físico, e situado fora do cérebro. [160] Voltando para trás, ela nos leva aos olhos, e então para um fóton e, deste, para uma transição quântica em algum objeto distante. Para a psicologia, o contexto da sensação visual é bastante diferente. Suponha, por exemplo, que a sensação visual é a de um telegrama dizendo que você está arruinado. Numerosos eventos se verificarão em sua mente, segundo as leis da causação psicológica, e poderá decorrer bastante tempo antes que haja qualquer efeito puramente físico, tal como o de arrancar os cabelos ou exclamar: “Ai de mim!”

Se esta teoria for certa, tornam-se inescapáveis certas espécies de conexões entre a mente e o cérebro. Com relação à memória, por exemplo, deve haver alguma modificação física do cérebro, e a vida mental deve estar ligada a propriedades físicas do tecido cerebral. Com efeito, se tivéssemos maior conhecimento, ver-se-ia que os enunciados físicos e psicológicos não são senão maneiras diferentes de dizer a mesma coisa. A velha questão a respeito da dependência da mente no cérebro, ou do cérebro na mente, fica, assim, reduzida a uma conveniência linguística. Nos casos em que sabemos mais a respeito do cérebro, será conveniente encarar a mente como dependente, mas, nos casos em que sabemos mais a respeito da mente, será conveniente encarar o cérebro como dependente. Em qualquer dos casos, os fatos substanciais são os mesmos, e a diferença é devida apenas ao grau do nosso conhecimento.

Não penso que se possa afirmar de maneira absoluta, se o que foi dito acima for certo, que não possa existir algo assim como uma mente separada do corpo. Haveria uma mente separada do corpo se existissem grupos de eventos ligados entre si segundo as leis da psicologia, mas não segundo as leis da física. Acreditamos prontamente que a matéria morta consiste de grupos de eventos arranjados de acordo com as leis da física, mas não de acordo com as leis da psicologia. E não existe, a priori, nenhuma razão pela qual o oposto não possa ocorrer. Podemos dizer que não temos disso nenhuma evidência empírica disso – mas, além disso, nada mais podemos dizer.

[161] A experiência me indica que a teoria que venho procurando expor é uma teoria bastante sujeita a ser mal compreendida e, se mal compreendida, uma teoria que se torna absurda. Recapitularei, por conseguinte, os seus pontos principais, na esperança de que, expostos em outras palavras, se tornem menos obscuros.

Primeiro: o mundo é composto de eventos, e não de coisas de estados mutáveis – ou antes, tudo o que temos o direito de dizer acerca do mundo pode ser dito na suposição de que existem apenas eventos, e não coisas. Coisas, ao contrário de eventos, constituem uma hipótese

desnecessária. Esta parte do que tenho a dizer não é exatamente nova, pois que foi dita por Heráclito. Sua opinião, no entanto, desagradou a Platão, não sendo considerada desde então, por conseguinte, própria de um gentleman. Todavia, em nossa época democrática, não há necessidade de que isso nos assuste. Duas espécies de supostas entidades se dissolvem, se adotarmos a concepção de Heráclito: de um lado, as pessoas e, de outro, os objetos materiais. A gramática sugere que o leitor e eu somos entidades mais ou menos permanentes com estados mutáveis, mas as entidades permanentes são desnecessárias, e os estados mutáveis bastam para dizer-nos tudo o que sabemos sobre o assunto. O mesmo se aplica, exatamente, aos objetos físicos. Se você entrar numa padaria e comprar um pão, você pensa que comprou uma “coisa” que podemos levar para casa consigo. O que você de fato comprou é uma série de eventos ligados entre si por certas leis causais.

Segundo: os objetos sensíveis, tal como os vivenciamos imediatamente, isto é, o que vemos quando vemos cadeiras, mesas, o sol, a lua e assim por diante, fazem parte de nossas mentes, e não são nem o todo nem partes dos objetos físicos que pensamos que estamos vendo. Esta parte do que estou dizendo também não é nova. Provém de Berkeley e foi reforçada por Hume. Os argumentos que eu deveria usar para isso, porém, não pertencem exatamente a Berkeley. Ressaltaria eu que se diversas pessoas, [162] colocadas em pontos diferentes, olharem para um único objeto, suas impressões visuais diferem de acordo com as leis da perspectiva e de acordo com a incidência da luz. Por conseguinte, nenhuma das impressões visuais é aquela “coisa” neutra que todos pensam que estão vendo. Ressaltaria, ainda, que a física nos leva a acreditar em cadeias causais, partindo de objetos e alcançando nossos órgãos de percepção, e que seria bastante curioso se o último elo dessa cadeia causal fosse exatamente igual ao primeiro.

Terceiro: admitiria que talvez *possa* não haver uma tal coisa como um mundo físico distinto das minhas experiências, mas comentaria que se as inferências que conduzem à matéria fossem rejeitadas, eu deveria também rejeitar as inferências que me levaram a acreditar em meu próprio passado mental. Comentaria, ainda, que ninguém rejeita sinceramente crenças que somente tais inferências podem justificar. Por conseguinte, admito que há eventos que não experimento, embora certas coisas acerca de alguns desses possam ser inferidas daquilo que experimento. Exceto quanto ao que se refere a fenômenos mentais, as inferências que posso fazer quanto às causas externas de minhas experiências se referem apenas à estrutura, e não à qualidade. As inferências que são justificadas são as que podem ser encontradas na física teórica; são abstratas e matemáticas e não dão qualquer indicação quanto ao caráter intrínseco de objetos físicos.

Quarto: se o que foi dito antes for aceito, deve haver duas espécies de espaço – uma espécie de espaço conhecida através da experiência, principalmente de meu campo visual, e a outra espécie de espaço que ocorre na física, conhecida apenas por inferência e ligada a leis causais. O fracasso de distinguir essas duas espécies de espaço constitui uma fonte de muita confusão. Tomarei de novo o caso do fisiologista que está examinando o cérebro de alguém. O senso comum supõe que ele vê tal cérebro e que aquilo que ele vê é matéria. Já que aquilo que vê é obviamente diferente por completo do que está sendo pensado pelo [163] paciente que ele está examinando, as pessoas concluem que mente e matéria são coisas bastante diferentes. Matéria é o que o fisiologista veria; mente seria o que o paciente está pensando. Mas toda esta ordem de ideias, se eu estiver certo, é uma massa de confusões. O que o fisiologista vê, se queremos referir-nos com isto a algo que ele experimenta, é um evento em sua própria mente, e que tem apenas uma complicada conexão causal com o cérebro que ele imagina estar vendo. Isso é óbvio, logo que pensamos na física. No cérebro que ele pensa que está vendo, há transições quânticas. Estas conduzem à emissão de fótons, os fótons atravessam o espaço interveniente e chegam aos olhos do fisiologista. Causam, então, complicados eventos nos bastonetes e nos cones, e uma perturbação que, através do nervo ótico, alcança o cérebro. Quando

essa perturbação atinge o cérebro, o fisiologista tem a experiência que se chama “ver o cérebro de outro homem”. Se algo interferir com a cadeia causal, por exemplo se o cérebro do outro homem estiver no escuro, se o fisiologista tiver fechado os olhos, se o fisiologista for cego, ou se tiver uma bala introduzida no centro óptico, ele não terá a experiência chamada “ver o cérebro de outro homem”. O evento tampouco ocorre ao mesmo tempo em que ele pensa que vê. No caso de objetos terrestres, a diferença de tempo é insignificante, mas no caso de objetos celestes poderá ser muito grande, até mesmo de milhões de anos. A relação entre a experiência visual e o objeto físico que o senso comum pensa está sendo visto é, assim, indireta e causal, e não há razão para se supor que exista essa estreita semelhança que o senso comum julga existir. Tudo isso está ligado às duas espécies de espaço a que me referi há pouco. Causei horror a todos os filósofos ao dizer-lhes que seus pensamentos estavam em suas cabeças. Numa única voz, asseguraram-me que não tinham na cabeça pensamento algum, mas a polidez me impede de aceitar tal asseveração. [164] No entanto, talvez fosse bom explicar exatamente o que quero dizer, já que a observação é elíptica. Exposto claramente, o que quero dizer é o seguinte: o espaço físico, ao contrário do espaço da percepção, é baseado na contiguidade causal. As contiguidades causais das percepções sensoriais estão nos estímulos físicos que as precedem imediatamente e nas reações físicas que as seguem imediatamente. A localização precisa no espaço físico não diz respeito a eventos isolados, mas a certos grupos de eventos que a física consideraria como um estado momentâneo de um fragmento de matéria, se se dispusesse a empregar uma linguagem tão antiquada. Um pensamento faz parte de um grupo de eventos, considerado, para os fins da física, como uma região no cérebro. Dizer que um pensamento se encontra no cérebro constitui uma forma abreviada do seguinte: um pensamento é um grupo de eventos co-presentes [*compresent events*], grupo que constitui uma região no cérebro. Não estou insinuando que os pensamentos se encontrem num espaço psicológico, salvo no caso de impressões sensoriais (se é que estas devam ser chamadas “pensamentos”).

Quinto: um fragmento de matéria é um grupo de eventos ligados entre si por leis causais, isto é, pelas leis causais da física. Uma mente é um grupo de eventos ligados entre si por leis causais, isto é, as leis causais da psicologia. Um evento não se torna mental ou material devido a qualquer qualidade intrínseca, mas somente devido às suas relações causais. É perfeitamente possível que um evento possua tanto as relações causais características da física como as que são características da psicologia. Neste caso, o evento é, ao mesmo tempo, tanto mental como material. Não há mais dificuldade nisto do que a que existe no fato de um homem ser, ao mesmo tempo, padeiro e pai. Já que nada sabemos acerca da qualidade intrínseca dos eventos físicos, salvo quando estes são eventos mentais que experimentamos diretamente, não podemos dizer se o mundo físico fora de nossa cabeça é ou não é diferente do mundo mental. O suposto problema das relações entre mente e matéria surge apenas devido ao fato de, erradamente, tratarmos a ambas como “coisas” [165] e não como grupos de eventos. Com a teoria que venho sugerindo, todo o problema se dissipa.

A coisa mais importante que se pode dizer a favor da teoria que venho defendendo é que ela afasta um mistério. O mistério é sempre incômodo, sendo devido, habitualmente, à falta de uma análise clara. As relações existentes entre mente e matéria têm, durante muito tempo, desorientado os homens, mas, se estiver certo, não há mais necessidade de que tal aconteça.